

CORAÇÃO ILUMINADO - UMA ANÁLISE RETÓRICO-COMPARATIVA DE CRÍTICAS CINEMATográfICAS DAS PUBLICAÇÕES VEJA E BRAVO!

Gustavo Ferreira da Silva*

RESUMO: *O objetivo do presente trabalho foi produzir uma análise comparativa da crítica ao cinema brasileiro, publicada nas revistas Veja e Bravo!, acerca do filme Coração Iluminado, tendo em vista a utilização das técnicas argumentativas de Chaim Parelman e David Bordwell. Para a consecução deste objetivo, a investigação seguiu um modelo pré-estabelecido pelo Grupo de Pesquisa em Análise de Crítica de Cinema (GRACC) no intuito de detectar as marcas de valor atribuídas ao filme, as estratégias de persuasão utilizadas e as marcas contextuais referentes à cinematografia nacional, de 1997 a 2004. A partir da análise de tais resenhas, é cabível concluir que, apesar dos dois títulos em apreciação fazerem alusão ao mesmo objeto, é instantânea a percepção do abismo, sobretudo no que se refere à valoração submetida à obra, existente entre os periódicos.*

PALAVRAS-CHAVE: Cinema brasileiro; Análise; Crítica; Coração Iluminado

INTRODUÇÃO

O Grupo em Pesquisa de Análise de Crítica de Cinema (GRACC) da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) desde 2006 desenvolve um projeto com objetivo de comparar críticas de filmes brasileiros no período de 1997 a 2004. A escolha do ano inicial é em virtude da revista *Bravo!* ter a primeira publicação nesta época. Para seleção do material de análise, o primeiro critério utilizado foi a existência de resenhas sobre o mesmo filme nas revistas *Veja* e *Bravo!*, já que o objetivo maior é comparar as resenhas presentes nas duas publicações. No processo de coleta de dados, foi feita uma pesquisa de críticas de cinema nacional, das quais, o método de análise acontece quando existem resenhas do mesmo filme nos periódicos. Como referências teóricas para investigação do discurso dos autores foi utilizado: o sistema conceitual da retórica de Chaim Parelman (1999) e do teórico de cinema David Bordwell (1991) para encontrar as *marcas* presentes nas resenhas. Destas foram estabelecidas *marcas retóricas* que sub-dividem em *marcas de valor*, isto é, o juízo do crítico sobre a obra, se foi positiva, negativa ou mista (quando o autor faz um julgamento intermediário), *marcas de justificação de valor* são os critérios de avaliação do crítico em relação ao filme, estes podem ser de conteúdo ou de aspectos formais tais como: figurino, cenário, fotografia, atores, direção e entre outros. As *marcas das estratégias de persuasão* visam às técnicas argumentativas que o autor discorre para tentar fazer o leitor conferir ou não a película. E por fim, as *marcas de contexto* que apontam sinais de elementos de situacionais da época em que a crítica foi publicada.

A presente análise é uma das comparações feitas no processo de produção do grupo de pesquisa. O diretor Hector Babenco bastante conhecido pelo público nacional e internacional com os

* Estudante de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Crítica de Cinema (GRACC). E-mail: gustfs@gmail.com. Autor. Trabalho orientado pela professora do curso de Comunicação Social da UCSAL e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Regina Lúcia Gomes Souza e Silva. E-mail: reginagomesbr@yahoo.com.br

longas-metragens *Pixote a Lei do Mais Fraco* e *O Beijo da Mulher-aranha*. A análise ora apresentada é do filme *Coração Iluminado* que dividem julgamentos e um esquema de construção diferenciado. Enquanto o autor da revista *Bravo!* elogia ao extremo o da *Veja* não consegue definir um valor único.

MARCAS DE VALOR E JUSTIFICAÇÃO DE VALOR

Com a crítica “O que houve com Babenco?” para a publicação semanal da *Veja*, Okky de Souza privilegiou o diretor em detrimento da análise da obra fílmica. Desse modo, doença de Hector Babenco ganhou mais destaque que sua obra – *Coração Iluminado*. A marca de valor atribuída pela revista é a de um juízo misto:

A obra não se destina a grandes platéias. É pesada, angustiante, longa, quase um filme de arte ao estilo europeu, no sentido que exige total cumplicidade do público para deslindar as entrelinhas e os meandros psicológicos das cenas. Em alguns momentos, desliga-se de qualquer compromisso com a lógica. *Coração Iluminado* tem muitas qualidades, mas nem todo mundo terá paciência de descobri-las.

A pergunta é inevitável: o que houve com Babenco? Por que ele empreendeu essa virada na carreira, investindo 8 milhões de dólares num filme tão difícil? Onde está o cineasta que tão habilmente contava histórias acessíveis a todos? (SOUZA, 1998, p.208).

Apesar de Souza citar que o filme tem diversas qualidades positivas, mesmo sem mencionar quais, percebe-se de forma sutil que a mudança de estilo do diretor não surte um resultado tão bom quanto nos outros trabalhos realizados anteriormente, classificados estes como hábeis. De qualquer forma, categorizar o conteúdo da obra como de difícil compreensão, não significa atribuir um valor negativo, porém, o autor, alerta que o filme é destinado para um público distinto. Este tal “público distinto” muito possivelmente são leitores assíduos da *Bravo!*.

Nesta última revista, a crítica de *Coração Iluminado* foi escrita por José Onofre que lhe confere o título de “Uma Mar del Plata perdida no tempo”, nela o autor faz uma série de elogios à obra de Babenco, especialmente, por ele retransmitir suas boas histórias no roteiro que contou com o auxílio do Ricardo Piglia: “Uma grande criação de Babenco e Piglia” (ONOFRE, 1998, p. 72). Cabe notar outro aspecto positivo devotado ao diretor, destacado pela capacidade de selecionar um excelente elenco (tanto os personagens principais e os secundários): “A qualidade dos atores argentinos, com sua forte formação teatral, aparece nas menores cenas. É um mérito de Babenco, que, entre outras virtudes, tem a de ser um excelente diretor de atores” (ONOFRE, 1998, p. 72).

MARCAS DE ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO

Em destaque no subtítulo da crítica da *Bravo!* de José Onofre “Babenco visita o próprio passado em *Coração Iluminado*, uma viagem sentimental que confirma sua qualidade de diretor de atores” (ONOFRE, 1998, p. 72) é possível ver o *ethos* sobre o diretor com a clara opinião a respeito de Babenco, sobretudo, por ter um bom portfólio de filmes e até a exibição de *Coração*

Illuminado, dois de seus longas-metragens concorreram nas principais premiações de filmes: *Oscar*¹, *Globo de Ouro*² e *Cannes*³.

A estratégia de ilustração⁴ na *Bravo!*, desta vez, não faz com que o leitor imagine a cena presente na película, e sim, uma descrição bastante detalhada da personagem do filme. Ainda na citação abaixo, é perceptível o emprego de analogia⁵, fato comum em boa parte das críticas publicadas nesta revista, principalmente quando estabelece relações entre os longas-metragens e obras literárias.

“Ana é uma jovem que parece ter saído de um romance de Françoise Sagan: com uma linguagem própria e enigmática, gestos insólitos e sensuais, sedutora por decisão, mas esquivada, ela está em flagrante processo de erguer uma máscara protetora com a função de esconder a si e aos outros os sinais evidentes de seu desequilíbrio psíquico” (ONOFRE, 1998, p. 72).

A estratégia de analogia novamente é encontrada na *Bravo!* e esta é o ponto inicial para o desenvolvimento da crítica de José Onofre:

A volta ao passado nunca fez bem a ninguém, Marcel Proust normalmente citado como exceção, fez um grande bem aos leitores, mas não é certo que o mesmo tenha acontecido com ele, Hector Babenco, bem menos ambicioso que Proust, fez a sua peregrinação em Mar del Plata, onde nasceu, em 1946, e dela retirou seu mais recente filme, *Coração Iluminado* (ONOFRE, 1998, p. 72).

Na revista *Veja* a estratégia de comparação⁶ está em evidência quando relaciona o longa-metragem *Coração Iluminado* com filmes de artes da Europa. Para Okky de Souza, ambos seguem um estilo longo, pesado e angustiante. Quanto a isso, coube ao crítico lembrar que, de certo modo, a película é destinada a um público especial, longe das grandes platéias ou de intuito comercial.

Na *Bravo!*, como de costume, atribui-se certa relevância a descrição de dados mais técnicos sobre a obra fílmica. Os números apresentados transmitem a idéia para o leitor do empenho da produção para construção de *Coração Iluminado* e também remete às pesquisas que o crítico produziu para descrever tais dados. No seguinte parágrafo além de encontrar essas informações lógicas, na última frase é possível perceber também o uso de apelo emocional, que se refere às fases marcantes do diretor:

“O filme começou a ser pensado por Babenco em 1992, quando entrou em contato com Puglia. As filmagens começaram em junho de 1997 em Buenos Aires, 2.000 extras e 50 atores para o elenco secundário, filmaram uns 80 mil

¹ *O Beijo da Mulher-Aranha* (1985) disputou em quatro categorias do *Oscar* e o William Hurt ganhou o prêmio de Melhor Ator, as outras três indicações foram: Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Roteiro Adaptado.

² *Pixote – A Lei do Mais Fraco* (1981) concorreu ao Globo de Ouro da edição de 1982, à melhor filme estrangeiro. *O Beijo da Mulher-Aranha* (1985) teve quatro indicações na edição de 1986, nas categorias: Melhor Filme, Drama, Melhor Ator de Drama (Raul Julia e William Hurt) e Melhor Atriz Coadjuvante (Sônia Braga).

³ No festival de Cannes de 1985, William Hurt (*O Beijo da Mulher-Aranha*) ganhou o troféu de Melhor Ator.

⁴ Seguindo o pressuposto estabelecido por Parelman (1999, p. 121) a técnica argumentativa de ilustração deve impressionar a imaginação.

⁵ Segundo Tito Cardoso Cunha o argumento da analogia é quando estabelece uma relação de similitude entre duas relações que unem duas entidades.

⁶ De acordo com Parelman (1999, p. 93) a comparação constitui de um argumento quase lógico quando põe em confronto realidades diferente.

metros de filme. A edição foi feita em São Paulo, e o processo de pós-produção, em Nova York. Enfim, uma estrutura e um processo rigorosamente profissionais para sustentar essa viagem emocional de Babenco a momentos importantes de sua vida” (ONOFRE, 1998, p. 72).

O apelo ao *logos*⁷ na *Veja* somente surge quando Okky de Souza faz alusão ao orçamento de oito milhões de dólares para um filme “tão difícil”, este atributo se enquadra nas questões do conteúdo complexo para “qualquer platéia”, o que provavelmente resultaria em uma baixa bilheteria, pois, segundo Souza, a obra do diretor é destinada para um pequeno público.

O estilo comum das críticas de filmes nacionais na revista *Veja* emprega o recurso do apelo à autoridade, ocasionalmente com a utilização do domínio máximo dos filmes: o diretor. Nada melhor que Hector Babenco para falar do longa-metragem baseado em passagens que marcaram a vida dele, também as curiosidades das gravações e até o do seu câncer. Souza conduz maior apelo emocional na crítica utilizando de frases do diretor registradas em fontes maiores para dar evidência à doença dele, e despertar o interesse do leitor pela crítica: “O que houve com Babenco?”. O diretor responde: “Achei que esse seria meu último filme, que iria morrer. Por isso tinha de me despedir das pessoas que foram responsáveis pelo que eu sou” (SOUZA, 1998, p.208).

A adjetivação dos críticos é de maneira excessiva em ambas as críticas. O crítico Okky de Souza da *Veja* atribui sinônimos que não dão tanto valor ao filme tais como “hermético”, “estranho”, que cresce gradativamente para “estranhamento”, “desordenado” e “esquisitos”, contrariamente o da revista *Bravo!* é hiperbólico ao elogiar *Coração Iluminado* notável em: “autenticidade do roteiro e do elenco”, “É um mérito de Babenco, que entre outras virtudes tem a de ser um excelente diretor de autores” , “Mas o personagem que devora o filme é o de Ana”, “Uma grande criação de Babenco e Piglia na talentosa, densa e expressiva interpretação de Maria Luisa Mendonça que dá ao filme seus momentos mais fortes (ONOFRE, 1998, p. 72).

MARCAS DE CONTEXTO

Na introdução da crítica da *Veja* assinada por Okky de Souza o leitor se depara com várias informações sobre Hector Babenco:

Em primeiro lugar, convém refrescar a memória sobre Hector Babenco. O diretor argentino naturalizado brasileiro é um dos poucos do cinema nacional que podem ser chamados de cineasta. Desses, é o único que tem efetiva projeção em Hollywood. Os seis longas-metragens que realizou, entre eles *Pixote* e *O Beijo da Mulher Aranha* (vencedor do Oscar de melhor ator e indicado a outros três), lhe garantem um currículo muito acima da sofrível média de produção do país. (SOUZA, 1998, p.208).

Por meio da obra de Pedro Butcher (2005) é possível conferir a dura realidade da produção cinematográfica nacional. Em 1993, apenas quatro filmes chegaram aos circuitos e no ano seguinte o número cresceu para sete. Em 1995, a quantidade chega a 12 (praticamente apenas um filme por mês) e é a partir deste ano com o sucesso de *Carlota Joaquina – Princesa*

⁷ Segundo David Bordwell (1995, p. 55), provas lógicas são argumentos pseudo-indutivos que respaldam uma afirmação.

do *Brazil* de Carla Camurati que esses números começam a crescer, mas de forma não tão excessiva. Hector Babenco conseguiu ter um grande destaque na década de 80 com o polêmico filme *Pixote – A Lei do Mais Fraco* que lhe deu projeção internacional seguida por *O Beijo da Mulher-Aranha* cujo protagonista (William Hurt) ganhou o prêmio de melhor em muitos festivais internacionais. Tal desempenho foi invejável para muitos diretores brasileiros, que até então mal conseguiam alcançar bons resultados nas bilheterias do país. Outra preocupação do crítico da revista *Veja* foi que o filme custou oito milhões de dólares.... não destinado para grandes platéias, especialmente que as rendas dos filmes nacionais entre o período de 1995 e 1997 segundo os dados de mercado da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) o filme brasileiro mais assistido de cada ano não ultrapassavam essa quantia⁸. Na revista *Bravo!* não foi encontrada marca de contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas de cinema da revista semanal *Veja* normalmente uma página é dividida com outros filmes, às vezes a dividir a mesma folha três resenhas. O espaço para as críticas nacionais geralmente são notas bem reduzidas, gerando um discurso bem rápido e objetivo. Fato curioso, que não ocorre com a análise de *Coração Iluminado* que tem duas páginas e grandes figuras ilustrativas, porém o maior destaque dela não é fazer referência e criticar o filme, e sim, para a saúde do diretor, o que deixa a crítica com uma estrutura de entrevista com diversas falas ditas pelo próprio diretor. É evidente que Okky de Souza sente estranhamento do longa-metragem do diretor renomado Hector Babenco em relação às obras anteriores que segundo ele eram destinadas para grandes platéias. Souza afirma que o filme tem muitas qualidades, mas, não cita nenhuma, o que fica de difícil entendimento se ele realmente gosta ou não do filme ou se está na posição de alertar ao “público geral” pertencente a *Veja* que o novo filme de Babenco não é destinado para eles.

Opostamente da revista *Veja*, o perfil habitual presente na crítica da *Bravo!* utiliza frequentemente analogias, principalmente fazendo relações com obras literárias o que passa uma idéia para o leitor de alto grau de conhecimento de artes, o que vai além de apenas avaliar o filme. Os críticos da *Bravo!* tem maior liberdade para redigir o texto, que normalmente ultrapassam uma página, eles não são tão objetivos ao ponto de colocar o julgamento da obra fílmica no título da matéria, o que provavelmente o leitor não precisaria ler todo o texto para que, de certo modo, seja persuadido a conferir ou não o longa-metragem.

REFERÊNCIAS

ANCINE. Agência Nacional de Cinema apresenta dados de mercados de filmes brasileiros. Disponível em: < <http://www.ancine.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=203>>. Acesso em 13. jul. 2008.

BORDWELL, David. **El significado del filme:** inferencia y retórica en la interpretación cinematográfica. Barcelona: Paidós, 1995.

⁸ O longa-metragem mais assistido em 1995 foi *Carlota Joaquina* da diretora Carla Camurati conquistou a teve a renda de R\$ 6.430.000,00, em 1996 o filme *Tieta do Agreste* faturou R\$ 2.380.586,00 e em 1997 a película mais vista foi *O Noviço Rebelde* de Tizuka Yamazaki que obteve lucro de R\$ 6.019.150,00.

BUTCHER, P. **Cinema Brasileiro Hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.

CUNHA, T. C. **A nova retórica de Perelman**. 1998. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>
Acesso em: 12 de jul. de 2007.

PERELMAN, C. **O Império Retórico**. Lisboa: Asa Editores, 1999.

ONOFRE, J. Uma Mar Del Plata perdida no tempo. **Revista Bravo!**. São Paulo. Ano 02, n° 13, p.72.

SOUZA, O. O que houve com Babenco. **Revista Veja**. São Paulo, 1998. Ano 31, n° 1515, p. 208-209.